

## .E.d.i.t.o.r.i.a.l.



### Práticas Inovadoras em Psicologia e Produção do Conhecimento

**Silvia Virginia Coutinho Areosa**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7308-0724>

Docente do Departamento de Psicologia e do PPGDR UNISC

**Jerto Cardoso da Silva**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4798-3756>

Docente do Departamento de Psicologia da UNISC

Nos últimos anos, os estudos acerca da realidade da ciência em Psicologia têm registrado o que se convencionou denominar de tendências emergentes nos campos de trabalho, com novos locais e práticas inovadoras. Assim como a academia através da produção do conhecimento tem feito o registro destas novas práticas e conclamado a classe de psicólogos as mais variadas discussões.

Nosso periódico através deste número faz o mesmo esforço, de lançar o desafio a novos olhares e possibilidades de intervenção em contextos e realidades distintas, com discussões que estão presentes em nosso país, mas também em outros continentes.

Lembrando de um dossiê especial publicado em 2004, há 14 anos, editado pela colega Elsa Dutra da ANPEPP intitulado “Práticas psicológicas em instituição: atenção, desconstrução e invenção” na revista Estudos de Psicologia (Natal), que já naquela época lançava um olhar para as “condições do mundo e sociedade atuais, bem como do modo de ser e viver do homem contemporâneo em confronto com a tecnocracia científica” e dizia em suas palavras da importância de serem “investigadas quais possibilidades e desafios se impõem aos pesquisadores inquietos com a fragmentação e o desamparo sócio-ético-político da humanidade no mundo contemporâneo”.

Dentro desta reflexão sobre as novas práticas e os desafios sócio ético e político de nossa profissão, cabe lembrar a história da constituição de um saber psicológico normativo e voltado ao modelo biomédico, elitista por natureza, que nos norteou até o final da década de 1970.

Como escrevem Coimbra e Nascimento (2001, p. 247),

A psicologia emerge, no século XIX, dentre outras ciências humanas e sociais, principalmente em cima de dois saberes: o da observação e o clínico, estando presente no cotidiano dessas instituições de sequestro. Não por acaso nossa formação *psi* tem sido atravessada pelas crenças em uma verdade imutável, universal e, portanto, ahistórica e neutra; numa apreensão objetiva do mundo e do ser humano; em uma natureza específica para cada objeto; em uma identidade própria de cada coisa e nas dicotomias que, por acreditarem nas essências, produzem exclusões sistemáticas.

Atualmente ainda presenciamos no cotidiano de trabalho, nas mais diversas áreas de atuação, discursos e práticas de muitos profissionais com novas roupagens daquele velho discurso higienista. A ciência psicológica como vem na citação de Coimbra e Nascimento (2001), estaria a serviço do

controle e da adaptação da população aos preceitos da sociedade normativa. Para modificar essa situação e trazer à tona o compromisso ético-político da Psicologia, enquanto ciência e profissão, precisamos romper com esses processos apenas normativos e adaptacionistas e assumirmos uma postura crítica em relação aos novos contextos e práticas que vem surgindo em uma sociedade em transformação.

Neste sentido a produção do conhecimento é indissociável das práticas em Psicologia e, a publicização de novas práticas que façam o contraponto ao pensamento conservador e linear é um canal importante para a complexificação do pensamento, provocando práticas inovadoras.

Segundo Bosi et al. (2011), as práticas inovadoras em Psicologia, em especial no que se refere à Saúde Mental, devem estar vinculadas à interface do cuidado das pessoas, criando e diluindo fronteiras, permitindo novos atravessamentos, deslocando territórios e delineando novas alternativas. Deste modo, não basta inovar a qualquer custo, pois inovação envolve participação e aprendizagem, elementos essenciais no escopo das tecnologias sociais. Inovação pode revelar-se como um processo dialógico.

Inovação em saúde mental significa, portanto, reiterar a necessidade de cuidado como uma atitude ética pautada no conceito de reabilitação psicossocial, cuja implicação maior é a desconstrução de práticas fundadas na objetivação da doença mental e na (re) construção de práticas que considerem as alteridades. (Bosi et al., 2011, p. 1235).

Desta forma, reiteramos que a produção de conhecimento científico e tecnológico no contexto global está marcada por profundas transformações, ganhando notável expansão, ao mesmo tempo, torna-se imprescindível produzir reflexões teóricas e críticas para captar a complexidade dos fenômenos na atualidade, numa sociedade que se globaliza. “Assim, pôr-se em contato com novas e múltiplas realidades, ao invés de desenvolver um movimento produtivo e inovador, desencadearia uma vivência traumática diante do desassossego trazido pela desestabilização”. (Vilela, Ewald, Mancebo, & Prestrelo, 2002, p.2).

Assim cabe a um novo periódico como a PSI UNISC abrir espaço para novas reflexões sobre as antigas práticas e também revelar novas práticas e reflexões que vem surgindo de um novo posicionamento ético-político e metodológico na nossa profissão, com caráter mais analítico e menos normativo, mais transformador e menos adaptativo.

Portanto, buscamos dar visibilidade as práticas dos profissionais no cotidiano dos seus trabalhos, publicando relatos de experiências, além de artigos de pesquisas e reflexões teóricas. Nesta perspectiva, para a próxima edição estaremos abrindo espaço para ensaios, pois estes propõem também uma maneira inovadora de escrita. Desejamos a todos uma ótima leitura e convidamos aos colegas para enviarem suas produções para o nosso quarto número a ser publicado em dezembro de 2018.

### **Referências**

- Bosi, M. L. M., Carvalho, L. B. C., Sobreira, M. A. A., Ximenes, V. M., Liberato, M. T. C., & Godoy, M. G. C. (2011). Inovação em Saúde Mental: subsídios à construção de práticas inovadoras e modelos avaliativos multidimensionais. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 21(4), 1231-1252. doi: [10.1590/S0103-73312011000400004](https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400004)
- Coimbra, C., & Nascimento, L. M. (2009). Movimentos sociais e sociedade de controle. In S. Tedesco, & L. M. Nascimento (Orgs.), *Ética e subjetividade: novos impasses no contemporâneo* (pp. 39-59). Porto Alegre: Sulina.
- Dutra, E. (2004). Práticas psicológicas em instituição: atenção, desconstrução e invenção. *Estud. psicol. (Natal)*, 9(2), 343-344. doi: [10.1590/S1413-294X2004000200016](https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200016)
- Vilela, A. M. J., Ewald, A. P., Mancebo, D., & Prestrelo, E. (2002) Publicando em psicologia: a urgência de novas construções teóricas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(1), 1-4. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7701/5564>